



Revista Recorte
ISSN: 1807-8591
Dossiê Especial – Revista Ensinar
V.18 N.1

Adriano de Paula Rabelo

DESESPERADA UTOPIA: A AMIZADE E OS AMIGOS NA OBRA DE NELSON RODRIGUES

RESUMO

Um dos temas mais recorrentes nas obras de Nelson Rodrigues, muito presente nos diversos gêneros por ele explorados, é a amizade. Este artigo analisa como o escritor concebia esse sentimento e como ele tratava seus amigos nos textos que escrevia, seja nos ficcionais, seja nas crônicas de teor ensaístico que publicava em suas colunas de jornal e posteriormente compilava em livros classificados como memórias, confissões e crônicas de futebol. Como ser ver, isso não ocorreu por acaso, pois, a seu ver, a amizade e os amigos são fundamentais para que o homem possa suportar o peso da vida e a hostilidade do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Rodrigues; amizade; amigos; relações humanas.

DESPERATE UTOPIA: FRIENDSHIP AND FRIENDS IN THE WORK OF NELSON RODRIGUES

ABSTRACT

One of the most recurring subjects in the works of Nelson Rodrigues is friendship, which is explored in several literary genres. This paper analyzes how Rodrigues defined this feeling and how he presented his friends in his texts, fictional or journalistic ones. Plays, novels, short stories, memories, confessions and football analysis, all of them often focus friendship and his friends. After all, they are fundamental for facing life's weight and world's hostility.

KEYWORDS: Nelson Rodrigues; friendship; friends; human relationships.

1. INTRODUÇÃO

Numa passagem de suas memórias, Nelson Rodrigues, num de seus aforismos típicos, afirma que “o amigo é a desesperada utopia que todos nós perseguimos até a última golfada de vida” (RODRIGUES, 1999a, p. 232). A julgar por diversas relações de amizade que o escritor cultivou, marcadas pela profundidade e a presença constante dos amigos em sua vida, bem como dele na vida de seus amigos, essa “desesperada utopia” não foi apenas uma figura de retórica de que o fino estilista lançava mão no processo de escritura de seus textos. Foi, acima de tudo, uma presença viva no seu dia a dia. Sendo, para Nelson, um sentimento e uma dimensão tão essenciais na trajetória humana por este mundo hostil, a amizade era um tema recorrente em seus trabalhos, tanto em suas crônicas ensaísticas como em sua obra ficcional, seja o teatro, seja o conto, seja o romance. Nas crônicas, ele costumava tecer reflexões de natureza filosófica sobre a amizade e os amigos, contando histórias exemplares em que eles e o próprio escritor estiveram envolvidos. Em seus trabalhos ficcionais, Nelson costumava desenvolver o tema entre personagens inventados e também através dos diversos amigos seus da vida real que eram postos, de chofre, em meios a acontecimentos imaginários. Alguns de seus amigos mais citados, retratados em situações exemplares ou colocados na ficção foram Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos, Salim Simão, Cláudio Mello e Souza, Wilson Figueiredo, José Ramos Tinhorão, Nelson Motta.

Em sua biografia de Nelson Rodrigues, Ruy Castro (1992, p. 326-327) conta uma história típica da promoção que Nelson fazia dos amigos em suas colunas de jornal, ficcionalizando-os:

A beleza física de Cláudio impressionava Nelson, que o saudava exuberantemente quando ele entrava: “Mas que beleza! Que beleza! Chegou o ‘perfil de jovem Goethe’! A ‘alegria dos espelhos’!” (...) Transformou a beleza de Cláudio Mello e Souza em personagem de suas crônicas no “Jornal dos Sports”. Cláudio sentia uma ponta de ironia nessas exclamações, suspeitando que Nelson pudesse estar chamando-o de bonito para diminuir sua inteligência. (...)

Certa noite, em casa de Hélio [Pellegrino], Cláudio citou Homero por algum motivo e disse uma palavra em grego. Nelson ficou maravilhado e escreveu no dia seguinte em sua coluna:

“É o único brasileiro que leu Homero no original!”

Cláudio sentiu o peso da influência de Nelson quando, por causa disso, foi convidado a dar palestras sobre Homero em duas universidades. Mas a coisa chegou a um limite perigoso quando Nelson viu Cláudio com um vistoso suéter de “cashmere” azul-pavão que ele trouxera da Europa. Nelson atribuiu ao suéter um valor absurdo – 150 mil cruzeiros, que, na época, dariam para comprar um rebanho de ovelhas e fabricar um estoque inteiro de suéteres – e passou a usá-lo como referência monetária. O “suéter de 150 mil cruzeiros de Cláudio Mello e Souza” tornou-se também um personagem quase diário da coluna.

Certa manhã, Maria Urbana Pellegrino tomou um ônibus cujo trocador estava lendo a coluna de Nelson. O trocador comentou com o passageiro ao lado: “Esse Cláudio Mello e Souza é um bom filho da puta! Comprando um suéter de 150 contos! Esse já está na minha lista!”

Maria Urbana ficou assustada e contou a Hélio, o qual advertiu Nelson de que estava pondo Cláudio em risco. E só então Nelson esqueceu Cláudio por uns tempos.

Pelo que expressa inúmeras vezes em seus escritos, Nelson Rodrigues tinha uma concepção da amizade semelhante à definição de Aristóteles (*apud* LAÉRCIO, 2020, p. 122) segundo a qual ela consiste em “uma alma habitando dois corpos”. Ela seria uma espécie de aprimoramento das qualidades humanas dos amigos, pois, diferentemente do que acontece na luta pela realização dos pequenos interesses pessoais de cada um, a amizade se realizaria como a uma conjunção generosa de sentimentos, uma forma de mitigar a solidão, a irracionalidade e o egoísmo humanos no processo de viver em sociedade. A ideia de Aristóteles foi retomada na Renascença pelo pensador francês Michel de Montaigne (2016, p. 220), num célebre desenvolvimento do conceito de seu antecessor grego:

Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistem para que eu diga por que o amava [seu amigo recém-falecido, Étienne de La Boétie], sinto que não o saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu.

Sem fazer nenhuma referência a esses dois eminentes pensadores do cânone filosófico do Ocidente, os quais Nelson Rodrigues provavelmente não leu, percebe-se que a concepção de amizade expressa pelo escritor brasileiro – bem como as histórias e as figuras de amigos de que lança mão para ilustrá-la – mostra que ele possui, à sua maneira inconfundível, uma clara afinidade eletiva com as reflexões de Aristóteles e Montaigne. É o que se pretende mostrar abaixo em duas modalidades de sua obra, a ficcional, composta por seu teatro, seus contos e seus romances, e a ensaística, composta por textos jornalísticos publicados na forma de confissões, memórias e crônicas de futebol.

2. Os amigos invadem a ficção de Nelson Rodrigues

Uma das estratégias literárias mais peculiares de Nelson Rodrigues era colocar pessoas da vida real tomando parte nos enredos ficcionais mirabolantes que criava. Em geral essas pessoas eram seus amigos jornalistas, com quem convivia nas redações onde trabalhou. Muitas vezes tais amigos eram exaltados, apresentados como possuidores de grande talento intelectual, generosidade, simpatia, heroísmo. Em alguns casos mais raros, eles se apresentavam realizando ações pouco louváveis ou eram criticados abertamente, não pelo narrador, mas por outros personagens.

O caso mais emblemático dessa idiosincrasia de Nelson é o da peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, cujo enredo gira todo em torno de uma frase do escritor que dá título à obra. Tal frase é repetida *ad nauseam*, com os personagens diversas vezes exaltando a genialidade

da elocução e de seu autor. Embora não apareça em cena, Otto Lara Resende é uma presença constante na ação, toda ela decorrente do axioma segundo o qual “o mineiro só é solidário no câncer”, atribuído a Otto. A repetição obsessiva dessa sentença pelos personagens, o exagero de ela causar toda uma revolução em suas vidas e na sociedade a que pertencem, justificando atitudes nada louváveis praticadas por todos, gera um efeito cômico em meio a uma série de acontecimentos terríveis.

Em outra peça, *Anti-Nelson Rodrigues*, o amigo da vez colocado em cena é Salim Simão, jornalista que foi amigo e colega de redação do dramaturgo. Simão, já em idade madura, é apresentado como pai da protagonista Joice. Ao saber disso, Oswaldinho, *playboy* que corteja a moça, tem a seguinte reação: “Salim Simão! (*num berro*) Espera lá! Não é o Salim Simão botafoguense, o personagem de Nelson Rodrigues? (...) Quer dizer que o Salim Simão existe? Eu pensava que era assim como o Sobrenatural de Almeida, o Gravatinha, a grã-fina das narinas de cadáver”¹ (RODRIGUES, 2003, p. 490). Um pouco adiante, ao ser apresentado ao namorado da filha, o próprio Salim Simão, diante da surpresa do rapaz, comenta: “Muita gente pergunta se eu existo mesmo” (RODRIGUES, 2003, p. 505). Como se vê, ao colocar tais falas nas bocas de seus personagens, Nelson brinca com sua própria estratégica humorístico-literária.

Já em *O beijo no asfalto*, um colega de redação, o repórter de polícia Amado Ribeiro é apresentado como o mais inescrupuloso profissional de sua área, não hesitando em praticar todos os abusos para criar uma notícia sensacionalista, dar alimento à fome de grotesco da estupidez coletiva e vender jornal.

Em seu romance folhetinesco *Asfalto selvagem*, há uma superabundância de amigos seus postos em meio a acontecimentos ficcionais: Otto Lara Resende, José Ramos Tinhorão, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Wilson Figueiredo, Carlinhos de Oliveira, Raimundo Pessoa, Hermano Alves, Ib Teixeira, Amado Ribeiro, Paulo Reis, Eurico Nogueira França... Desta vez, em algumas ocasiões, eles eram mostrados em situações pouco abonadoras, porém sempre muito engraçadas. Sobre o que esses amigos achavam dessa atitude de Nelson, contrabandeando-os para seus imbróglis folhetinescos, conta Ruy Castro (1992, p. 303 e 305):

O caso de Amado Ribeiro é o mais incrível: aos 27 anos em 1959, ele era exposto em *Asfalto selvagem* como o repórter policial mais cafajeste da face da Terra, capaz de achar suspeitos, inventar culpados, chantagear a mulher da vítima e o diabo a quatro, tudo para vender jornal. Não que Amado Ribeiro não fosse parecido com aquilo na vida real, mas Nelson não teria exagerado?/ “Não, eu sou pior!”, gabava-se Amado Ribeiro. (...) Wilson, Hermano, Tinhorão, Carlinhos de Oliveira e os outros adoravam sair em *Asfalto selvagem*. Otto Lara Resende, nem tanto. Otto fingia irritar-se. Ou se irritava de verdade, ninguém sabia ao certo.

¹ Sobrenatural de Almeida, Gravatinha e grã-fina das narinas de cadáver eram personagens ficcionais muito recorrentes nas crônicas de Nelson Rodrigues.

Outras vezes, não exatamente como uma manifestação de amizade, Nelson costumava colocar personalidades de proa no panorama cultural brasileiro como assunto de conversas de seus personagens, que em geral as criticavam enfaticamente. Tendo alguma pendenga momentânea com essas figuras, em vez de atacá-las de maneira direta, o escritor delegava a seus personagens essa tarefa, geralmente com bom humor. Figuras como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, por exemplo, foram assunto da maledicência dos personagens de Nelson Rodrigues. Se os criticados reagissem, Nelson promovia uma *blitzkrieg* contra o mal-humorado da vez, mantendo-o como assunto de seus personagens por vários capítulos de folhetins ou de outras obras que estivesse produzindo no momento. Tanto que uma vez Otto Lara Resende recomendou que Fernando Sabino não se manifestasse em hipótese alguma sobre uma situação em que, num conto da série “A vida como ela é...”, um personagem o criticava. Conforme Ruy Castro (1992, p. 326), “Fernando seguiu o conselho e Nelson cansou-se, virou o disco”.

À parte essa estratégia de se colocar amigos da vida real, recriados na ficção, nos contos de Nelson Rodrigues é muito recorrente uma situação como esta, que inicia “O pastelzinho”:

Uma noite, duas semanas antes do casamento, conversava com alguns amigos no café. Súbito, um deles baixa a voz e faz-lhe a pergunta:
— Sabe onde é que se decide um casamento?
— Não.
E o outro:
— Na primeira noite. A primeira noite é tudo e o resto não tem importância.
(RODRIGUES, 1999c, p. 39)

Os amigos, mesmo quando vários deles estão reunidos em torno de uma mesa, são receptores de confidências, confissões de infâmias, teorias sobre as relações amorosas, indiscrições. São válvula de escape para sentimentos que sufocam o protagonista e que precisam ser partilhados. De outro modo, tais sentimentos sufocariam o personagem. Além disso, há muitos contos sobre amigos traidores ou traídos, amigos leais vítimas de atos vis, falsos amigos, amigos que buscam proteger a honra de seus pares no universo pequeno burguês da sociedade patriarcal em desagregação retratada pelo escritor. Enfim, com a presença de amigos reais em situações imaginárias ou não, a amizade é um tema constante em seus trabalhos ficcionais.

3. As crônicas e muitas histórias com amigos

Se em seus textos ficcionais, Nelson homenageava os amigos fazendo-os interagir com os personagens criados por sua imaginação, em muitas de suas crônicas eles voltam a se fazer presentes. No entanto, saem as situações esdrúxulas, e eles se transformam em protagonistas de

histórias exemplares testemunhadas por Nelson. Tais histórias, contadas em longas digressões, dão suporte às teses e posicionamentos do escritor nas confissões, memórias, críticas culturais e análises dos dramas humanos relacionados ao futebol, as quais constituem suas crônicas. Essa estratégia novamente o aproxima de Montaigne, que, em seus ensaios, também fazia longas digressões, contando histórias exemplares envolvendo figuras da Antiguidade greco-latina, a fim de dar suporte às ideias que desenvolvia.

Ao tratar de seus amigos, nas crônicas, Nelson frequentemente os apresentava por meio de uma perífrase marcante. Abdias do Nascimento, por seu orgulho racial num país em que os negros tenderiam a ser ressentidos contra os de sua cor, era “o único negro do Brasil” (RODRIGUES, 1999a, p. 225). O poeta José Lino Grünewald, por causa do sobrenome, era “um jovem oficial afogado no afundamento do Bismarck” (RODRIGUES, 1995a, p. 38). O publicitário Hans Henningsen era o “Marinheiro Sueco”, também por causa do nome (RODRIGUES, 1996, p. 208). O já referido Cláudio Mello e Souza era um “havaiano de filme, um falso moreno de sol” (RODRIGUES, 1999b, p. 158). Adolpho Bloch era um “imperador romano de filme de Cecil B. de Mille”, com “perfil de Nero” (RODRIGUES, 1999a, p. 145). Antonio Callado, que vivera alguns anos em Londres, adquirindo cacoetes britânicos, era “o único inglês da vida real” (RODRIGUES, 1999b, p. 140).

No entanto, o mais interessante dessas crônicas de teor ensaístico são as muitas histórias que o escritor conta, envolvendo seus amigos. Vale a pena lembrar algumas delas.

Otto Lara Resende, sempre ele, é protagonista de inúmeras histórias exemplares contadas por Nelson em suas crônicas. Uma delas ilustra toda uma interpretação otimista do caráter nacional brasileiro em contraposição com o que Otto havia visto na Noruega por ocasião de uma visita àquele país. Depois de conviver por alguns dias, na Escandinávia, com uma ordem, uma disciplina, um asseio e uma organização da vida sufocantes, Otto desembarca no Brasil. Em seguida, caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro, encontrou casualmente um vago conhecido ou até mesmo desconhecido, que o abordou com um “Otto, meu amor!”, dando-lhe “um abraço tremendo, de meia hora”, e “o recém-chegado viu, nessa cordialidade ululante, o Brasil” (RODRIGUES, 1999a, p. 237). Trata-se de uma história típica para ilustrar, de forma bem-humorada, uma tese defendida pelo cronista.

Ainda no campo de uma suposta identidade brasileira, mais especificamente, a identidade física da mulher brasileira aos olhos de Nelson, ele conta uma história envolvendo um amigo seu não nomeado:

Sob a pressão de novos usos, novas maneiras, novas ideias, novos sentimentos, a brasileira muda também fisicamente e vira a antibrasileira. Conteí o caso de um amigo, de 45 anos, que amou uma menina de vinte. Ah, nós sabemos o que é uma dessas paixões tardias que levam tudo de roldão, tudo. O meu amigo estava disposto a largar família,

fugir, o diabo. Até que, um dia, vai ver a garota e ela o recebe com uma saraivada de palavras jamais sonhados. Mais tarde, contando-me o episódio, ele esbravejava: — “Um manequim, um manequim!”.

Para ele, a explicação de tudo estava nos quadris estreitos. Não tinha quadris, donde tinha que ser uma impotente do sentimento. Uma antibrasileira. (RODRIGUES, 1995a, p. 44-45)

Embora vivesse às turras com Alceu Amoroso Lima, o intelectual católico que, no fim dos anos 1960, participava da resistência à ditadura militar brasileira e se aproximava do chamado “poder jovem”, Nelson o admirava, mesmo que Alceu nunca tivesse aceitado suas ousadias no teatro. Num Natal do começo daquela década, Nelson telefonou para Alceu, a fim de dar-lhe as felicitações convencionais dessa época do ano, tendo ouvido que o outro rezava por ele. Mas o que Nelson desejava, muito mais que orações, era uma palavra ou gesto de amizade. As ligações se repetiram em outros Natais, sempre com Amoroso Lima a dizer-lhe que rezava por ele. Até que, numa dessas ocasiões, o dr. Alceu lhe diz: “Ah, Nelson, você aí nessa lama!” (RODRIGUES, 1999b, p. 23). Foi o que bastou para abortar uma amizade que Nelson Rodrigues desejava a ponto de quase a implorar. Como o cronista pôde constatar, melancolicamente: “...eu sentia, com uma nitidez cruel, inapelável, que o dr. Alceu rezava por mim e não era meu amigo. Simplesmente não era meu amigo” (RODRIGUES, 1999b, p. 21-22). “Durante vários anos, tentei ser seu amigo e fracassei” (RODRIGUES, 1995a, p. 36). “Só Deus sabe que fiz o diabo para ser amigo do nosso Tristão de Athayde”² (1999b, p. 200).

Se, no caso de Alceu Amoroso Lima, a história contada por Nelson ilustra a perda ou a não concretização de uma amizade, muitas de suas histórias envolvendo amigos mostram amizades bastante bem realizadas. Por exemplo, outra figura da vida cultural brasileira dos anos 1960 com quem Nelson tinha muitas divergências e muitos embates ideológicos era o também dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, conhecido como Vianinha, quase 25 anos mais jovem que Nelson. No entanto, a relação pessoal de Nelson Rodrigues com esse confrade novato difere muito do caso envolvendo Alceu Amoroso Lima:

O Vianinha é a única, a solitária gratidão que jamais inspirei. A partir de então, sempre que nos encontramos, ele ri para mim e eu para ele. Alguém que nos veja, pensará: — “É uma geração rindo da outra”. Não. Rimos porque a amizade deve ser uma relação engraçadíssima. (RODRIGUES, 1999b, p. 265)

As divergências ideológicas não eram mesmo empecilho para que Nelson cultivasse amizades com quem pensava de maneira diferente, como se mostra em sua reação ao ler uma entrevista da atriz Cacilda Becker, líder da classe artística em seus embates com a ditadura, em fins dos anos 1960:

² Pseudônimo com que Alceu Amoroso Lima assinava seus trabalhos.

A Cacilda impressa, a mim, não me diz nada. Nem a líder. Conheço-a, somos amigos, admiro-a profundamente. E parece que eu estava adivinhando. Começo a ler e paro nesta frase: — “O mundo é dos jovens”. A gloriosa atriz dá o mundo, de graça, de mão beijada. O sujeito tem dezessete, dezoito, vinte. Pronto. Toma o mundo. Mas vejam como, numa simples frase, está todo um crime, ou seja, o crime de dar razão a quem não a tem. O mundo só pode ser dos que têm razão. Mas a razão é todo um maravilhoso esforço, toda uma dilacerada paciência, toda uma santidade conquistada, toda uma desesperada lucidez. Não era bem assim que eu queria dizer. Faltam-me palavras. (RODRIGUES, 1995a, p. 119-120)

Muitas vezes, para criticar alguém, Nelson contava uma história envolvendo um amigo seu não nomeado, tal como a anedota desse amigo anônimo com o músico popular Geraldo Vandré, contada na crônica “A ira de Vandré”. Tal amigo passou pelo artista e deu-lhe um cordial e prosaico “boa noite”, espantando-se com a resposta recebida: ““Como pode você me dar boa-noite se o mundo está em guerra? (...) Você não vê que estão morrendo no Vietnã?”. O autor do imprudente ‘boa noite’ quase correu, fisicamente, do Vandré”. (RODRIGUES, 1995a, p. 251)

Outra reflexão sobre a amizade, ou melhor, sobre a degradação do sentido dessa palavra, se dá a partir da lembrança de um almoço com outro amigo:

Almocei, ontem, com o meu amigo Celso Bulhões da Fonseca. Digo “amigo” e sinto que a palavra vem sofrendo um aviltamento progressivo. Dirá alguém que, com o tempo e o uso, todas as palavras se degradam. (...) Essa palavra e essa figura sofrem, do Paraíso aos nossos dias, um desgaste hediondo. Perdemos todo o cuidado seletivo. O amigo deixou de ser uma maravilhosa opção. Ainda outro dia, estava eu com um pulha, realmente pulha, da cabeça aos sapatos. Apresento-o assim: — “Aqui o meu amigo Fulano”. Não era “o amigo”, não podia ser “o amigo”. E mal terminou a apresentação, dei-me conta de que não fazemos outra coisa senão corromper o nosso vocabulário. (RODRIGUES, 1999b, p. 75)

Se vivesse hoje, o que diria Nelson sobre os milhares de “amigos” que as pessoas possuem nas redes sociais, gente que jamais sequer encontraram frente a frente?

O valor da amizade, para o escritor, era tão grande que o amigo verdadeiro valeria mais que toda a humanidade em conjunto, como ele expressa nesta possibilidade imaginária:

Se Deus me intimasse a optar entre o Hélio Pellegrino e a humanidade, eu daria a seguinte e fulminante resposta: — “Morra a humanidade!”. E se fosse, não o Hélio, mas o Paulinho Mendes Campos, diria do mesmo jeito e com a mesma ênfase: — “Morra a humanidade!”. E, com isso, ficaria claro que, para mim, o amigo é o grande acontecimento, e repito: — só o amigo existe e o resto é paisagem. Os “outros” teriam assim uma estrita e secundária função paisagística. (RODRIGUES, 1999b, p. 277)

O valor da amizade atinge as raias do absoluto na crônica de futebol intitulada “Irmãos no suicídio”, que conta a história um ex-jogador de futebol do América do Rio de Janeiro, Itim, que se matou dias depois de seu amigo Maneco, também ex-jogador, haver se suicidado. Se Maneco havia tirado a própria vida por causa de uma dívida que não conseguia pagar, ninguém atinava com o motivo do gesto de Itim. Até que o cronista o revela pateticamente:

Vejam vocês a imagem vil que formamos uns dos outros: — admitimos que um semelhante se mate por amor, por dinheiro, por jogo, por desemprego ou, até, por tédio. E não queremos aceitar, nem por hipótese, que se possa morrer por amizade. De fato, para a nossa alma enferma, seria inacreditável que um indivíduo, antes de estourar os miolos,

proclamasse: – “Mato-me por um amigo!”. Ninguém aceitaria o motivo e alguém havia de rosnar: – “Freud explicaria isso”. (RODRIGUES, 1998, p. 24)

4. As crônicas e uma filosofia da amizade

Como era do feitio de Nelson Rodrigues, muitas de suas ideias eram condensadas expressivamente na forma de aforismos sempre carregados de muita ênfase. No que tange aos amigos e à amizade, eles são abundantes em suas crônicas, como se pode ver na amostragem abaixo:

- “Estou cada vez mais convencido de que o amigo é um momento da eternidade.” (1999b, p. 22)
- “Amizade é amor” (1999a, p. 80)
- “Dois amigos, dois únicos e escassos amigos, formam toda uma multidão inverossímil. (1999a, p. 232)
- “O amigo é a desesperada utopia que todos nós perseguimos até a última golfada de vida.” (1999a, p. 232)
- “Nunca, em nenhum momento, deixei de ser o atropelado que morre pedindo um amigo. (...) Sou, repito, o atropelado faminto de amor.” (1999a, p. 233)
- “O amigo é o santo.” (1999b, p. 76)
- “Sinto que a amizade é anterior a si mesma, começa muito antes, vem de encarnações passadas e continuará por encarnações futuras.” (1999b, p. 164)
- “No Brasil, a amizade berra, sim, a amizade uiva.” (1999b, p. 165)
- “Gosto de ser amigo, para sempre. Mas o trágico da amizade é a convivência. Talvez a solução fosse pôr um deserto entre nós e o amigo. Não ver o amigo, jamais; não ouvi-lo.” (1999b, p. 279)
- “Horrenda é [a] incapacidade de ser amigo e, pior, de acreditar na amizade.” (1998, p. 24)
- “A amizade é algo de frágil, de suspeito, de perecível, de comprometido. E mesmo os melhores amigos esbarram, a todo momento, nos limites da polidez, da cerimônia, da vã cordialidade.” (1998, p. 24)
- “Não resisto a um amigo patético.” (1995a, p. 156)
- “Há entre mim e o caro amigo uma série de cordiais abismos.” (1995a, p. 157)
- “O grande acontecimento é sempre o amigo.” (1999a, p. 232)

Esta última frase é muito repetida em suas crônicas, às vezes aparecendo com pequenas variações, como “Sempre escrevo que o amigo é o acontecimento” (RODRIGUES, 1995b, p. 47).

Tais aforismos deixam muito claro o valor da amizade no pensamento de Nelson Rodrigues, para quem o homem é um ser essencialmente solitário num mundo hostil. O amigo é, para ele, um companheiro indispensável na difícil jornada humana pela vida, alguém que amplia e aprofunda nossas qualidades humanas por meio do amor, da lealdade e do comprometimento desinteressado, alguém que estará conosco em todas as adversidades, alguém que, mesmo nas divergências, é benevolente e generoso para conosco. Portanto, quem tem amigos não se entregará ao desespero ou à abjeção.

Se na ficção de Nelson Rodrigues os amigos são apresentados em situações exageradas ou cômicas, em suas crônicas eles são protagonistas de acontecimentos reais em que o escritor quase sempre tomou parte. Embora o humor continue presente, a ênfase do cronista é posta no sentimento que torna possível “uma alma habitando dois corpos”, na célebre definição de Aristóteles.

Algumas historietas contadas por Nelson sobre Hélio Pellegrino, um de seus grandes amigos, deixam isso bem claro. Numa delas, na véspera de partir para a Europa, onde estava morando, Otto Lara Resende derrama sua emoção sobre Hélio. Eis como Nelson Rodrigues relata o consolo patético oferecido ao viajante do dia seguinte:

E, lá, conversam, de coração para coração. Apaziguada a gastrite imaginária, o Otto abriu o coração. Fez confidências, o diabo. E, súbito, começa a chorar. Qualquer viagem, mesmo que seja a Bangu, a Vigário Geral, é uma janela aberta para o infinito. Na tensão da partida, o Otto teve um violento espasmo. Chorava alto, chorava forte. Que fez o Hélio? Arrastou o amigo e o enfiou no banheiro. Lá se trancaram. E, ali, a salvo de curiosidades frívolas e divertidas, o Hélio chorou também. O Otto teria seus motivos concretos. Ao passo que o Hélio chorava de graça, chorava por chorar, porque seu pranto é fácil, é abundante. (RODRIGUES, 1995a, p. 69)

No mesmo texto, o escritor continua a explorar essa efusão de Hélio Pellegrino, agora em relação ao próprio Nelson:

O Hélio é uma presença lírica, ardente, um ser de maravilhoso ímpeto. Lembro-me de uma noite em que, num dos seus rompantes homéricos, vira-se para mim e fala: — “Você é um dos meus amigos fundamentais”. Isso dito na sua voz cálida, vibrante, de barítono de igreja, foi de arrepiar. (RODRIGUES, 1995a, p. 69)

A generosidade ilimitada de Pellegrino em relação aos amigos atinge as raias do fantástico:

Certa vez, um amigo do Hélio quis comer sardinhas do Báltico. Ora, nenhum anfitrião tem o dever de atender a uma fome tão caprichosa, original e fantasista. De mais a mais, não há sardinhas do Báltico nem no Báltico. Pois o Hélio as tem. Abriu uma lata para a visita e esta se regalou com sardinhas tão irreais, tão absurdas. (RODRIGUES, 1999b, p. 186-187)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode verificar, a amizade, para Nelson Rodrigues, era um valor fundamental da vida, capaz de prover-lhe sentido e potencializar a humanidade do homem. Muitas vezes analisada filosoficamente, mas sempre concretizada na forma de amigos reais recriados imaginariamente em sua ficção ou apresentados como protagonistas de histórias exemplares, a amizade é tratada, em seus textos, de forma poética, apaixonada, sentimental, comprometida, bem-humorada. Mesmo fortes divergências ideológicas, de temperamento ou de estilo de vida não eram obstáculos para as amizades que Nelson cultivou e homenageou em tantas de suas obras. E mesmo alguns amigos

que não pôde ter ou que se perderam foram lamentados, pois sua cumplicidade aperfeiçoaria a humanidade do escritor e seriam um antídoto à sua solidão. O amigo foi, de fato, a desesperada utopia que ele perseguiu até o fim.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAÉRCIO, Diógenes. *Lives of eminent philosophers*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Editora 34, 2016.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

_____. *A cabra vadia: Novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

_____. *O reacionário: Memórias e confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

_____. *O remador de Ben-Hur: Confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A pátria em chuteiras: Novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A menina sem estrela: Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

_____. *O óbvio ululante: Primeiras confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

_____. *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...* São Paulo: Companhia das Letras, 1999c.